



A UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS LÚDICOS PARA A DESCONSTRUÇÃO DE GÊNERO

Milena Costa¹
Daniela Corrêa Seixas²
Maíra de Oliveira Freitas³

RESUMO

O Projeto de Prodocência "Questões de gênero na Escola: Por um enfrentamento às desigualdades e assimetrias na Educação Básica" tem como objetivo abordar questões sobre gênero inseridas na sociedade contemporânea e na vida escolar. O presente artigo é produto de observações e de interações com estudantes do primeiro ano do ensino fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Utilizando a observação e a co-participação nas aulas de artes em conjunto com a literatura infantil, foi possível perceber alguns estereótipos de gênero relacionados aos desejos, e vestimentas dos e das estudantes. A proposta pensada para debater estereótipos consistiu em colocar à disposição de estudantes materiais e objetos utilizados no cotidiano (papéis e tecidos de diferentes cores e formatos, argolas, cordas, adornos, acessórios, entre outros), para a criação de uma espécie de roupa e transformação de si próprio. A realização dessa atividade tem como objetivo, a partir da leitura e de suas próprias criações, estabelecer um campo livre e seguro para a criança imaginar, questionar e ser. E com isso abrir uma conversa sobre as relações e performances de gênero nas profissões, fantasias, personagens e vestimentas. Além de propiciar o debate e a desconstrução de estereótipos acerca das caracterizações definidas como pertencentes ao gênero masculino ou feminino. Percebemos que ao estabelecermos um campo seguro, no espaço escolar, para sentir, ser e imaginar, foi possível a discussão a partir de falas das crianças e intervir na existência de rotulações e preconceitos.

Palavras-chave: Infância, Estereótipos, Gênero, Educação básica.

INTRODUÇÃO

O Projeto de Prodocência "Questões de gênero na escola: por um enfrentamento às desigualdades e assimetrias na educação básica"⁴ que atua no Instituto de Aplicação Fernando

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, melcostamc13@gmail.com;

² Mestra em Processos Artísticos, UERJ. Professora do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) - RJ, danielacseixas@yahoo.com.br;

³ Doutoranda em Educação, ProPEd/UERJ. Professora do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) - RJ, freitasmaira@yahoo.com.br.

⁴ O artigo é resultado do projeto de ensino : "Questões de gênero na escola: por um enfrentamento às desigualdades e assimetrias na educação básica", financiado pelo Departamento de Estágios e Bolsas/CETREINA da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ) e conta com o apoio e a participação de professoras e professores para a pesquisa do Projeto. O artigo em questão traz a abordagem do conceito de gênero e sua padronização enraizada na sociedade. O Projeto se propôs a entender as causas para que exista uma construção compacta quando tratamos de gênero. A importância desses diálogos e da criação de um espaço livre é reconhecida pelas pesquisadoras do artigo, com isso, criamos uma atividade no CAp-UERJ com as turmas do 1º ano do Ensino Fundamental nas aulas de artes. Em sala de aula, sempre foi observado os gostos dos(as) estudantes, o uso de determinados materiais com cores específicas e comentários realizados pelas crianças. Fornecemos esse espaço livre para que as crianças, enquanto indivíduos, possam ser felizes, pois estarão livres para desenvolverem suas vontades, com o objetivo de alcançar uma sociedade menos desigual, reforçando também que todos(as) nós, independente de classe, raça, gênero e idade, temos o direito de ter liberdade e igualdade (Art 5º da Constituição Brasileira, 1988).

Usufruindo da interação semanal com as turmas e com comentários realizados pelos(as) estudantes, começamos a puxar a temática para uma realidade mais próxima deles(as). Através dessa comunicação, uma de nossas crianças relatou que o desenho “Sonic” é para meninos, e ao escutarmos tal afirmação indagamos o motivo dessa fala, e muitas vezes as crianças não sabiam explicar o motivo, apenas pensavam assim. Com essas afirmações se iniciou um processo de reflexão para entendermos o motivo de tais comentários. O estudioso Lev Vygotsky (Vygotsky,1984) aponta que o desenvolvimento das crianças, a fala e a produção intelectual se constituem a partir de experiências afetivas de situações nas quais as mesmas aprendem algo. Em outras palavras, o local e as interações das quais as crianças fazem parte podem influenciar. O ambiente escolar, assim como o núcleo familiar fazem parte das experiências afetivas e formativas de conceitos culturais e fatos sociais.

Em sala de aula presenciamos diversos momentos de insegurança por parte dos meninos em gostar de coisas e cores que na maior parte das vezes estão relacionadas às meninas, como por exemplo lápis rosa, folha rosa, tesoura rosa, entre outros materiais cotidianos. Também é possível reparar nas vestimentas das crianças, as meninas sempre muito bem enfeitadas, com laços, brincos e batom, já os meninos, em sua maioria, utilizam apenas o uniforme do colégio. As mochilas das crianças também apresentam um padrão, as das meninas costumam ser de princesas, unicórnios, cheias de brilhos e adereços rosas, principalmente. Ao olharmos para as mochilas dos meninos, iremos notar que são de heróis



ou uma temática que remete a carros. Assim como desenhos de personagens e animais podem se repetir segundo as divisões de gênero.

A pesquisadora Guacira Louro Lopes afirma que :

“[...] a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” (LOPES, 1997, pág.32).

Sendo assim, a escola é um espaço de possibilidade, de emergência, de construção de lugares os quais podem representar ambientes acolhedores com o objetivo de desconstruir uma educação padronizadora, de exclusão e manutenção de desigualdades, citada pela autora Louro. A atividade realizada em prol dessa desconstrução de gênero apresentou uma grande importância devido à concepção subjacente, discutida com as crianças, de que as mesmas não são e/ou não devem ser encaixadas em moldes. A autora Guacira também cita em seu livro a importância de reforçar essa desconstrução na educação básica.

“Afim, é natural que meninos e meninas se separem na escola, para trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que naturalmente a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem para brincar ou trabalhar? [...] Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são construídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores” (LOURO, 1997, pág 67,68).

Amparadas na concepção de Louro, que tem se apresentado como autora potente e presente nas discussões teóricas do projeto, elaboramos uma atividade baseada no livro “Julián é uma sereia” da autora Jéssica Love, da Editora Boitatá. A história do livro trata de um menino, o Julián, que é apaixonado por sereias e pelo imaginário associado à estética feminina (cabelos longos, maquiagem, cordões e muitos enfeites). A história repleta de ilustrações mostra a relação da criança com sua imaginação. Ele sempre se imaginava brincando com peixes no mar e como seria se fosse uma sereia. Ao decorrer da história, a avó do menino o apoia e o incentiva a ser o que ele queria ser, uma sereia. Julián começou a se enfeitar com panos, plantas e cordões, utilizando e simulando adereços e objetos considerados pela sociedade como femininos.

Sentamos em roda e a história foi contada e mostrada para as crianças. Tivemos muitos comentários como: “Ele é um tritão!”, “Ele é um sereio!”, “Ele é menino?” e também manifestações que pensavam a imaginação e transformação com mais naturalidade. Após uma breve conversa, iniciamos a proposta que consistia em abrir um espaço que deixasse as



crianças à vontade para serem e imaginarem o que desejassem. Para isso, levamos objetos do cotidiano, como luvas, tecidos de diversas estampas e cores, objetos de cozinha, chapéu, óculos, bigodes, adereços coloridos entre outros objetos. As crianças experimentaram, trocaram ideias e usos objetos e se caracterizaram como gostariam, e logo começaram a falar e imaginar situações. Naquele momento tínhamos uma grande variedade de profissões e personagens na sala de aula. Os(as) estudantes começaram a falar que eram cientistas, médicas(os), princesas, reis, pato, unicórnios, rainhas, construtores, sereias e sereios.

O direito à imaginação e a uma livre formação das diversas subjetividades vão na direção de uma educação libertadora, geradora de processos de ensino-aprendizagem não reprodutores de violências. Neste sentido, buscamos falar e ensinar sobre gênero através de uma Educação Libertadora, pois como dizia Paulo Freire (FREIRE, 1968) quando se exerce uma educação a qual a mesma não é libertadora, o sonho das pessoas oprimidas é se tornarem opressores, evidenciando a reprodução da violência.

Acreditamos, com isso, que a partir de uma educação libertadora, podemos diminuir o espaço e a participação da desumanidade em nossa sociedade, buscando sempre um caminho que interaja com a educação através de um espaço de livre-infância e aprendizado criado e fomentado pelo(a) Educador(a).

Também nessa abordagem a escritora Célia Auxiliadora dos Santos Marra comenta em seu livro “Violência Escolar : a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola” a partir de outros pontos de vista sobre a participação da violência na escola e na sociedade. A autora aborda que a violência sempre esteve presente na história da humanidade e cita :

“A violência tem vários rostos e várias raízes. Convivemos com a violência diária e algumas vezes não nos damos conta dela. O trânsito é violento quando fere e mata; as drogas matam; a miséria material mata; a falta de assistência médica, alimentar e de saneamento básico também. E a falta de esperança dos mais pobres, bem como a falta de apoio educacional, violentam e induzem a violência.” (MARRA, 2007, pág 25).

A violência está presente em nosso cotidiano, convivemos com ela diariamente. A mesma se faz presente nos espaços educacionais quando, por exemplo, Educadores(as) deixam de cumprir seus papéis sociais e quando negligenciam um espaço aberto, confortável e pedagógico. Maria Eloísa Guimarães afirma que :

“A escola tem que responder ao desafio de encontrar formas de relacionamento e de convivência com os diferentes universos contidos em seu anterior e que se manifestam no meio circundante, sem abrir mão de suas forças fundamentais.” (GUIMARÃES, 1998)



Cabe à escola e aos/ às professores(as) aceitarem e participarem dos desafios propostos pela sociedade, educação e pela convivência com diferentes grupos de pessoas. A primeira noção de vida em sociedade que uma criança apresenta, é a relação com sua família e depois com a escola. Portanto, acreditamos e buscamos com o Projeto que as questões de gênero devem ser trabalhadas com as crianças, independente da idade, e também com toda a comunidade escolar.

Ao ratificar e padronizar os gostos, comportamentos e comentários das crianças baseados nas divisões e performances de gênero, acabamos impedindo-as de se desenvolverem dentro de uma livre infância e de serem quem são. A escritora Chimamanda Ngozi Adichie afirma que:

“O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero” (ADICHIE, 2014, pág 41).

Por muitas vezes o ambiente escolar (docentes e demais agentes educadores da estrutura escolar) silenciam ou reafirmam a estrutura desigual, opressora ou limitadora baseada no gênero. O desejo, a imaginação e a organização de afeto fazem parte do processo de aprendizagem e quando oprimido refletirá nas possibilidades de existência plena e diretamente no futuro social da sociedade. A pesquisadora bell hooks (hooks, 1994) para reforçar a ideia da construção de uma sociedade democrática pontua que a educação tem como objetivo a formação de pessoas como indivíduos que se atentam à existência de uma convivência social que seja igualitária e respeitadora.

Ao abordarmos a existência da caracterização de padrões impostos pela sociedade, também podemos comentar sobre o modo de agir imposto às relações das crianças. Muitos meninos aprendem desde pequenos que chorar demonstra fraqueza e aprendem a associar isso à feminilidade. E com isso, cria-se o pensamento de que homens não podem demonstrar sentimentos ou outras ações que são ligadas às mulheres. E as meninas aprendem a se comportar da “maneira correta”, ignorando seus sentimentos e desejos. A desconstrução de gênero pode atuar em várias demandas, pois a mesma está interligada à interseccionalidade.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo e da atividade desenvolvida teve embasamento na história do livro “Julián é uma sereia”. O desenvolvimento do artigo está interligado à atividade elaborada com as crianças, que têm entre 7 e 8 anos, e são estudantes de três turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. Através da atividade nos deparamos com várias perguntas e



questionamentos realizados pelas turmas e através de diálogos e debates, abordamos essa temática tão importante e caminhar em prol do respeito às diversidades.

A utilização da contação de história, com livros cujo a ilustração também se apresentou como importante ferramenta, possibilitou que o jogo da imaginação impulsionasse a transformação da própria imagem através da disponibilidade e livre escolha do uso de objetos e adereços. Desta forma, apostamos na inventividade e na criação com múltiplas linguagens como elemento de desconstrução de narrativas e modos de ser baseados em estruturas limitadoras, excludentes, portanto violentas.

Após a atividade muitas crianças, em especial os meninos, começaram a falar que eram sereias e sereios. Podemos reparar que mesmo assim, as crianças tinham tendência em separar (flexionando o gênero) ao transformar “sereia” para “sereio”, mudando a última vogal da palavra, transformando-a em um substantivo masculino.

Sabemos que a discussão sobre a desconstrução de gênero ainda é uma temática pouco debatida por famílias e escolas. Fato esse agravado pelos debates conservadores em que a falácia da “ideologia de gênero” foi fortemente debatida, sendo, as escolas e seus professores e professoras, atacados e perseguidos, especialmente pelo Movimento Escola sem Partido. Cabe, no entanto, destacar que, a ideia de "ideologia de gênero" que frequentemente aparece nesses discursos, conforme salienta Rogério Diniz Junqueira (2017), se apresenta como categoria acusatória, para desqualificar o debate, as escolas e, especialmente os professores e professoras:

“Nos últimos anos, em dezenas de países de todos os continentes, presencia-se a eclosão de um ativismo religioso reacionário que encontrou no “gênero” o principal mote em suas mobilizações. “Gênero”, “ideologia de gênero”, “teoria do gênero” ou expressões afins são bandidos em tons alarmistas, conclamando a sociedade para enfrentar um inimigo imaginário comum. E, em nome da luta contra ele, se empreendem ações políticas voltadas a reafirmar e impor valores morais tradicionais e pontos doutrinários cristãos dogmáticos e intransigentes.” (2017, p. 25-26)

Portanto, a partir desse esvaziamento da discussão, embora alguns setores sociais resistam, a educação que oferecemos para as crianças ainda apresenta muitas lacunas quando o assunto é desconstruir esse padrão. Aspectos relacionados à assimetrias de possibilidades, demonstração de sentimentos e desejos, ou a separação quando determinamos que certas brincadeiras são para meninas e outras para meninos, são relevantes, embora para o cotidiano escolar pareçam sutis, quando estamos pensando na construção de papéis sociais de gênero

Assim, neste trabalho, trazemos para a reflexão a palavra “poder”, que na língua portuguesa, além de significar “a possibilidade de estabelecer força, autoridade e deliberar ações” também nos remete, à possibilidade de ser, “ter o direito, ter a capacidade, ter a



possibilidade”. Neste ponto a imaginação, através da insurgência das infâncias, se torna um poder concreto de transformação.

O poder sempre esteve correlacionado com a masculinidade e vice-versa. As mulheres são historicamente deixadas em segundo plano. A autora Chimamanda afirma em seu livro que “Uma triste verdade: nosso mundo está cheio de homens e mulheres que não gostam de mulheres poderosas”. (Adichie, 2017, p. 33). Até os dias atuais, as pesquisas demonstram que mulheres e homens que exercem o mesmo cargo, apresentam uma disparidade salarial, por exemplo. Dentro desse grupo de mulheres, podemos encontrar interseccionalidades, diversos outros marcadores que podem sobrepôr, aumentando ainda outras desigualdades junto com as de gênero: mulheres negras, indígenas, pardas, transsexuais, encontram maiores dificuldades de emancipação e ascensão social quando comparadas com mulheres brancas. A poetisa MiniNina traz em seu poema “Mordaças ao chão” o seguinte trecho :

“O sol será de todos
Os corações repletos de dores,
Sejam enfim acolhidos com amor.
Que a igualdade seja feita com primor
Para que no mundo não haja mais nenhuma dor.”(MINININA, 2021, pág 165)

A autora comenta sobre a existência da igualdade para todos e todas, para que dessa forma não tenhamos que lidar com preconceitos, estereótipos e perdas de direitos determinados pela sociedade referindo-se às interseccionalidades e ao que se considera por diferente e/ou despadronizado.

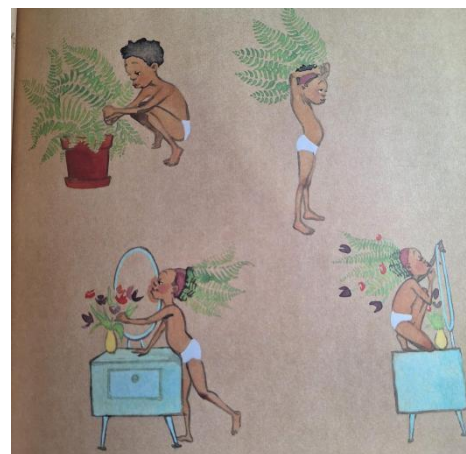
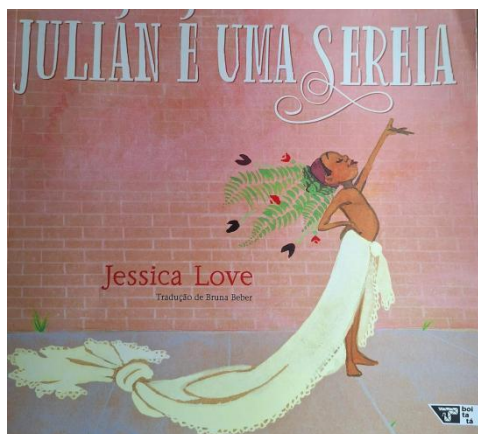
Um olhar atento à educação, é um olhar que acolhe e propõe políticas públicas que atendam as interseccionalidades presentes dentro e fora das escolas. Paulo Freire já dizia (Freire, 2000, p. 67) "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda." Com isso, apostamos e indicamos que, uma das possibilidades de transformação desse cenário, é o investimento em políticas públicas para educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

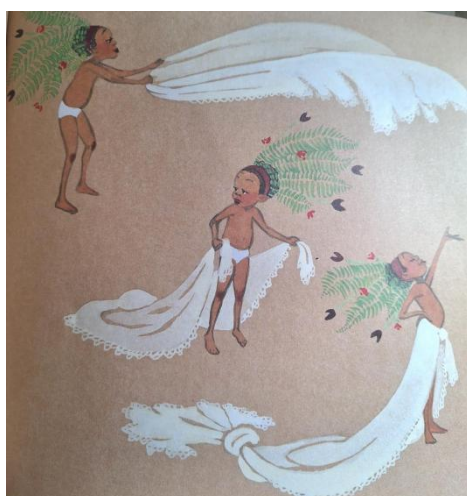
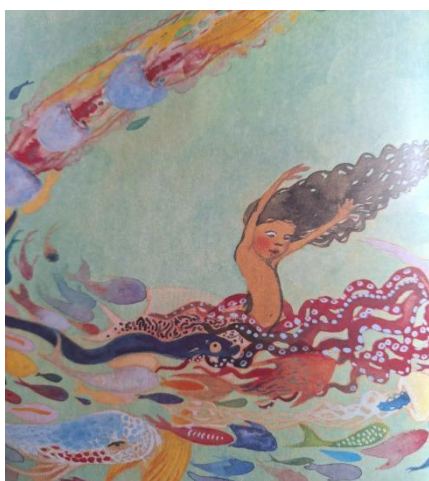
A leitura do livro, com suas páginas repletas de ilustrações coloridas, proporcionou um momento de descobertas, perguntas e imaginações reforçando a ideia de liberdade dentro da sala de aula, um espaço que deve ser seguro e acolhedor. Pudemos trabalhar através do livro o conceito de interseccionalidade ao relatarmos um

menino negro como protagonista, demonstrando também a interconexão que a interseccionalidade exerce entre gênero e raça.

Fotografia 1, 2 e 3 — Fotos do livro “Julián é uma sereia” da autora Jéssica Love, Editora Boitatá.



Fotografia 4, 5 e 6 — Fotos do livro “Julián é uma sereia” da autora Jéssica Love, Editora Boitatá. Podemos observar o processo de imaginação e de transformação do Julián.



Disponibilizamos uma mesa repleta de materiais para a confecção da atividade. Com isso, deixamos as crianças terem liberdade de escolherem seus próprios materiais para montar suas fantasias de acordo com sua imaginação e preferência. Obtivemos como resultados muitos comentários fora das naturalizações das divisões de gênero, realizados pelas próprias crianças. No momento de leitura do livro abordado, ocorreram muitas perguntas do tipo : “Mas ele é um menino, ele pode ser uma sereia?”, e muitas vezes, essas mesmas crianças após a caracterização se encontravam afirmando que também queriam ser sereias.

Fotografias 7 e 8 — Alguns dos materiais utilizados na atividade para a caracterização das crianças.



Fonte : De autoria própria.



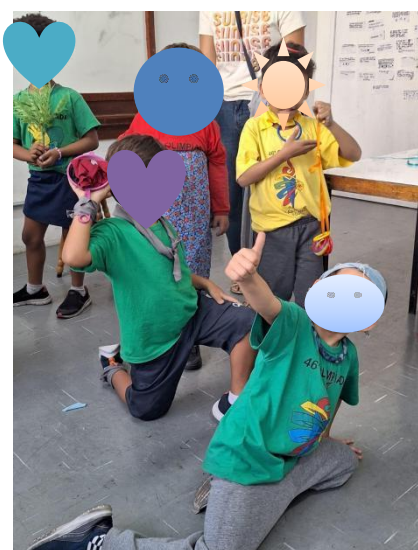
Fonte : De autoria própria.

Fotografia 9 e 10 — Roda de leitura do livro “Julián é uma sereia” da autora Jéssica Love, Editora Boitató.



Após a leitura do livro, a roda de debates e a troca de diálogos, iniciamos o processo de criação e imaginação, permitindo que cada criança explorasse os materiais livremente e que as mesmas elaborassem seus trajés à sua maneira, preferência e gosto, em um ambiente seguro e livres de padronizações.

Fotografias 11, 12 e 13 — Grupos de alunos(as) caracterizados após a atividade.



Fotografias 14, 15 e 16 — Grupos de alunos caracterizados após a atividade.



⁵ Adesivos nas fotos das crianças.

⁵ Utilizamos adesivos do Canva para preservar a identidade das crianças.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou ampliar os conhecimentos acerca da temática de gênero que são necessárias para a prática de uma educação inclusiva e libertadora de padrões e estereótipos impostos e designados pelo sistema patriarcal. Concluímos que é necessário investimentos em pesquisas relacionadas às questões sociais para um melhor desenvolvimento da sociedade como um todo e para a construção da igualdade. A cultura visual, as narrativas, as relações afetivas, de cuidado e aprendizagem estão no eixo central do trabalho a ser feito. Portanto, nosso projeto ““Questões de gênero na Escola: Por um enfrentamento às desigualdades e assimetrias na Educação Básica” se justifica não apenas pelo trabalho realizado na Educação Básica, junto às crianças, mas também compreendemos ser de muita relevância a orientação às bolsistas em um ambiente crítico, onde a prática docente é (re)avaliada e (re)construída diariamente.

A sociedade tem como base um sistema patriarcal e opressor, tendo em vista a desigualdade histórica e enraizada no país. E também pelo contexto de que os papéis não são equilibrados na sociedade, de modo que o papel do homem sempre é mais valorizado e reconhecido do que o papel da mulher. Portanto, a relação entre família e escola apresenta total importância em um melhor desenvolvimento educacional das crianças, o apoio e a participação das famílias, em suas diversas formações, para que haja combate aos preconceitos. Compreendemos ainda que quando temas relacionados às questões de assimetria de gênero em nossa sociedade, emergem no dia a dia, fomentamos uma reflexão crítica sobre a sociedade e sobre quais são os nossos papéis no mundo a partir e com a escola. Assim, dando voz às crianças e centralizando nelas cada etapa do processo, possibilitamos que sejam agentes de seu próprio desenvolvimento.

A Constituição de 1988 (Artigo 5) do país alega que todos(as) da sociedade brasileira possuem direito ao acesso à educação, segurança, saúde, lazer e moradia, porém, sua prática se mostra diferente à teoria aplicada na Constituição, com isso, é preciso ensinar nossas crianças a não normalizarem situações de depredação e negligência por parte do Estado, para que as mesmas cresçam com o senso crítico desenvolvido.

Os estudos e pesquisas dentro dessas áreas são relevantes para combater estereótipos e preconceitos e para entender as desigualdades ainda muito presentes nos dias atuais. Ainda há um longo caminho até a concretização, mas com isso, é necessário abriremos novas portas para



que essas temáticas sejam debatidas através dos campos de pesquisas com o intuito de estabelecer uma educação mais humanizada.

REFERÊNCIAS

Adichie, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. Companhia das Letras, 1ª edição (p. 41), 2015;

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF : Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 de Novembro de 2023;

Freire, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 84ª edição, 2019;

Freire, Paulo Reglus Neves. **Terceira Carta Pedagógica** (p.67), 2000;

Guimarães, Eloísa. **Escola, galera e narcotráfico**. Rio de Janeiro : UFRJ, 1998;

Junqueira, R. D. (2017) "**Ideologia de gênero**": a gênese de uma categoria política reacionária - ou: a promoção dos Direitos Humanos se tornou uma "ameaça à família natural"? In: Ribeiro, P. R. C., Magalhães, J. C. **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017;

Louro, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista (p.32) - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997;

Louro, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista (p.67 e 68) - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997;

Love, Jéssica. **Julián Is a Mermaid**. 1ª edição. Tradução de Bruna Beber, editora Boitatá, 2021;

Marra, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência Escolar : a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola**. (p. 25), São Paulo, Annablume, 1ª edição, 2007;

MiniNina. **Coletânea A Mulher e a Igualdade**. Mordaças ao chão (p.165). Projeto Apparere - 1. ed - São Paulo : PerSe, 2021;

Vygotsky, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007;